



# Crônica da Cidade

por **Conceição Freitas** >> [conceicaofreitas.dfr@diariosassociados.com.br](mailto:conceicaofreitas.dfr@diariosassociados.com.br)

>> (cartas: SIG, Quadra 2, Lote 340 / CEP 70.610-901)

## O Ernesto e o Oscar

Se você é brasileiro de nascimento ou se, mesmo não o sendo, reconhece que esta cidade é uma invenção do genialidade brasileira e da força de seu povo, então sinta o gostinho que poucos na humanidade puderam sentir: dois dos homens que tocaram as obras da loucura santa que foi a criação de Brasília estão vivos, o Oscar e o Ernesto.

(Escrevo essas linhas com as mãos meio trêmulas e a vaidade escorrendo

pelos poros. Acabei de falar com Niemeyer, por telefone, muito rapidamente. Jornalista há trocentos e noventa e oito anos, toda vez que falo com ele — e foram poucas essas vezes —, me sinto falando com o mais importante dos homens, muito mais importante do que todos os outros com quem já falei. Do outro lado da linha está o cara que desenhou em concreto, arcos, colunas e vidro as obras que fundaram a nova capital do Brasil, a cidade onde moro e onde meu filho nasceu. Né pouco não).

Ter Oscar e Ernesto habitando o mesmo tempo que os 2,5 milhões de habitantes da cidade que eles construíram com 60 mil homens é um privilégio histórico sem tamanho. Oscar e Ernesto estavam

com Juscelino na primeira visita que ele fez ao sítio onde Brasília seria construída. Oscar e Ernesto desobedeceram à lei das probabilidades e estão chegando aos 50 anos da nova capital.

Cariocas, Oscar de Laranjeiras e Ernesto de Vila Isabel, os dois já estavam na meia-idade quando trocaram o Rio pelos chapadões do Planalto Central. Nenhum dos dois acreditava que Juscelino iria construir Brasília para ser inaugurada naquele mandato. (Alguém acreditava, além do próprio Juscelino?).

Ernesto veio, viu e ficou. Oscar veio, ficou até o começo dos anos 60 e foi embora.

Ernesto foi o administrador do canteiro de obras. “Tudo era com ele. Como

eu ouvia quando menino: ‘O mel é com Israel, o pão com o Sayão e o resto é com o Ernesto’”, me disse dias atrás o ex-diretor de Patrimônio Histórico e Artístico do DF, Jarbas Marques. Israel foi embora, Sayão morreu, e o Ernesto continuou cuidando do resto, da Brasília propriamente dita.

A cidade que se multiplicou em 29 outras cidades, que já tem 4 milhões de habitantes, incluindo o Entorno, que já é a quarta cidade com maior influência regional do país, a Brasília que existe hoje é maior que o sonho. É uma metrópole que abriga uma joia do urbanismo e da arquitetura moderna, o Plano Piloto.

Ernesto e Oscar nem imaginavam que, quase 50 anos depois, a utopia fei-

ta de eixos arqueados e cimento armado se transformaria numa cidade como outra qualquer. Brasília é bem maior que o Plano Piloto, a preciosa, monumental e bucólica invenção do doutor Lucio. Brasília, toda ela, todos nós, é dos brasileiros.

Na sexta-feira passada, o Ernesto já havia saído da UTI depois de três semanas de peleja contra uma grave pneumonia. O Oscar estava no escritório da Avenida Atlântica. Dois dos homens que tomaram pra si o projeto de ocupar o lado de dentro do Brasil e erguer uma cidade-monumento para celebrar essa conquista estão nos livros e estão na vida. É ou não é um raro privilégio?